



“Mãe também é gente” e, por isso, é...

A representação da mulher nas visibilidades enunciativas *de Pais e Filhos*<sup>1</sup>

Ariane PEREIRA<sup>2</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

## RESUMO

A leitura, na condição de gestante e depois de mãe, de revistas voltadas para quem tem ou espera um bebê suscitou na jornalista e na analista do discurso várias inquietações sobre quem é a mulher discursivizada por essas publicações. Assim, alguns desses questionamentos e os gestos de interpretação estão evidenciados nesta reflexão-conversa que objetiva a análise das fotografias publicadas pela coluna *Mãe também é gente*, ao longo do ano de 2009. Para a análise, nos amparamos nos conceitos de acontecimento discursivo e arquivo enunciados por dois michéis franceses, o Foucault e o Pêcheux, lembrando que para tal empreendimento evidenciamos como os conceitos aparentemente voltados para a análise de discursos verbais – ou de forma enunciável, na linguagem deleuzeana ao tratar da obra de Foucault – também podem ser transpostos para as visibilidades discursivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade feminina na revista *Pais e Filhos*; práticas discursivas identitárias; visibilidade discursiva; discurso fotográfico; arquivo.

*A linguagem faz nascer esta outra suspeita:  
que, de qualquer maneira, ela ultrapassa sua  
forma propriamente verbal, que há certamente  
no mundo outras coisas que falam e não são  
linguagens. Afinal, é possível que a natureza,  
o mar, o sussurro das árvores, os animais,  
os rostos, as máscaras, as facas cruzadas,  
tudo isso fale; talvez haja linguagem se  
articulando de uma maneira que não seria verbal.*  
Michel Foucault

## Abrindo panos

“Que se perdoe minha pouca competência. Não sou historiador da arte”. Assim, Michel Foucault inicia o texto *As palavras e as Imagens*, publicado em 25 de outubro

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Letras, doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste, é líder do Grupo de Pesquisa Conversas Latinas em Comunicação, organizadora de coletâneas pelas editoras da Unicentro e Intercom, e autora do livro *Rota 66 em revistas – as resistências no discurso do livro-reportagem* – ariane\_carla@uol.com.br



de 1967 por *Le Nouvel Observateur*<sup>3</sup>, quando da publicação francesa de dois textos de E. Panofsky. E é repetindo-deslocando suas palavras que inicio esta reflexão-conversa: que se perdoe minha pouca competência, enquanto pesquisadora não tomo a fotografia – e a imagem – como objeto de estudo. Ao fazer essa afirmação deixo implícito que o que me move são os enunciados verbais, os discursos. Porém, a língua não é o único e exclusivo sistema de linguagem. A parte o verbo, temos uma série de outros “sistemas” não-lingüísticos, mas de linguagem, falando, enunciando, discursivizando.

Visibilidades enunciativas que, no discurso jornalístico – na maioria de seus suportes, andam lado a lado com os enunciados verbais. Cito aqui o discurso jornalístico porque é ele que tem suscitado inquietações na leitora, na jornalista e, também, na pesquisadora-analista do discurso nos últimos anos. Recentemente, esses desassossegos referem-se a representação da mulher pelas revistas voltadas para quem espera ou tem um bebê. Assim, tenho me debruçado sobre a revista *Pais e Filhos* empreendendo gestos de interpretação no sentido de evidenciar quem é a mulher-mãe enunciada pela revista, que ao colocar, retomar, silenciar, deslocar discursos sobre a condição feminina em circulação, também, faz circular e homogeneizar sentidos.

Dessa maneira, tenho refletido sobre quem é essa mulher de quem fala *Pais e Filhos* e que papéis ela desempenha?; quais as memórias discursivas (interdiscursos) sobre a figura feminina são (re)colocadas em circulação?. O que está em jogo não é o feminismo (ou o machismo), mas a tentativa de explicitar como a “mulher” é constituída e representada. Isto é, o “problema” levantado não é a mulher, mas a sua representação como produto de um (ou vários) discurso(s) midiático(s).

Imagens estas que não são representadas, como afirmado acima, apenas através de enunciados verbais, mas também, por visibilidades enunciativas. Assim, após ter empreendido gestos de interpretação a partir dos discursos verbais da coluna *Mãe também é gente*, publicada por *Pais e Filhos*, proponho, nesta reflexão-conversa, leituras das imagens fotográficas que ilustram as colunas mensalmente. Dessa maneira, analisarei as fotografias publicadas nas edições que vão de janeiro a dezembro de 2009. Vale ressaltar que, nesse período, tal coluna não deixou de ser publicada em nenhum dos doze meses.

A escolha pela análise lingüística, primeiramente, de *Mãe também é gente* se deu, sobretudo, pelo próprio título que evidencia (pela marca lingüística também) que,

---

<sup>3</sup> Tradução disponível em FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento* (Coleção Ditos e Escritos – Volume II). 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.



por trás dele, o amparando, há um ou mais discursos que já foram proferidos por outros sujeitos, em outros lugares, em outras condições sócio-históricas. Dessa maneira, quando *Pais e Filhos* enuncia que “mãe também é gente” fala uma voz sem nome, (re)colocada em circulação, que retoma ou desloca sentidos. Assim, se “mãe também é gente” é porque alguém, algum dia, em algum lugar, atravessado por uma série de formações ideológicas se perguntou se “mãe é gente” e/ou porque alguém, em algum momento, numa dada condição de produção enunciou que “mãe não é gente”. Discurso contemporâneo da mídia que retoma e recoloca em circulação, portanto, discursos outros que representam a condição da mãe e, portanto, da mulher.

E foi a análise dos discursos verbais de *Mãe também é gente* que, num segundo momento, suscitaram outras inquietações, estas referentes aos discursos imagéticos, às visibilidades enunciativas, isto é, às fotografias que ilustram a coluna. Já que, mês a mês, a estrutura de *Mãe também é gente* se repete: uma fotografia – de uma mulher, de partes do corpo feminino ou de objetos supostamente ligados ao universo feminino – estampando toda a página da revista e sobre esta imagem, a logo da coluna e, sobretudo nas partes superior ou inferior, um título seguido de um texto de poucas linhas. (como na figura abaixo)



## 1. ato: trilha teórica

Terminado este “situar” *do corpus*, convido você, leitor, a percorrer a trilha teórica e, concomitantemente, a se aventurar pela vereda da análise. Para esta reflexão-conversa lançarei mão de alguns dos conceitos de análise discursiva propostos pelos dois michéis franceses, o Pêcheux e o Foucault, sobretudo os enunciados pelo segundo.



O parágrafo anterior pode ter causado estranheza em você, leitor. Afinal, se o aparato é discursivo como utilizá-lo em gestos de interpretação de imagens, de significantes não-verbais? A primeira justificativa para a teoria que norteará as análises, e que permitirá que esta comece a ser apresentada, é de que o discurso, como enunciou Pêcheux, não é e não deve ser entendido apenas como estrutura – que numa leitura simplista é tomada como língua, como sistema lingüístico –, mas, também, como acontecimento. Isso significa que o discurso implica estrutura e acontecimento, sendo a primeira materialidade, não só verbal, mas também visibilidade enunciativas; e o segundo o espaço do possível, da falha, do equívoco, do deslizamento, do curso, do movimento, ou seja, da sua irrupção enquanto enunciado, enquanto discurso, sejam estes verbais ou imagéticos.

Como afirma Neckel, “os sentidos produzidos no interior do Discurso Artístico” - e aqui podemos ampliar para outros discursos não verbais, como o fotográfico que é o objeto de interesse desta reflexão - “sejam eles pela via de imagens, de sons, de movimentos ou palavras, são gestos de interpretação de acontecimentos outros que podem estar filiados a diferentes formações discursivas e, ainda, produtos de discursos outros” (NECKEL In INDURSKY; FERREIRA; MITTMANN, 2009, p.109).

Assim, é possível que encaremos a fotografia, o vídeo, a música, o cinema, o audiovisual como materialidades capazes de mobilizar memórias discursivas, interdiscursos, formações discursivas que possibilitam a significação do que está materializado na palavra, mas também no som, na imagem... Dessa forma, “o gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (a arquivo) e os efeitos de memória (interdiscurso)” (ORLANDI, 1999, p.49).

Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault enuncia/fundamenta sua teoria arqueológica, que pode ser encarada como uma teoria para análise dos discursos, na qual “ele propõe que o analista identifique e descreva o percurso: enunciado – formações discursivas – arquivo” (GASPAR In SARGENTINI, NAVARRO-BARBOSA, 2004, p.231) e é este caminho que faz com que o enunciado torne-se enunciado discursivo e, assim, torne-se relevante para e na análise.

o arquivo define um nível particular: o de uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação. O arquivo é o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados (FOUCAULT, 1997, p.150).



Mais uma vez, a noção de acontecimento em Foucault, assim como em Pêcheux, nos permite pensar o enunciado, e/ou o discurso, não apenas como a palavra, o verbo, a língua. Assim, embora o autor não tenha tido como objeto o cinema, o filme, o audiovisual, a fotografia, ele evidenciou que seu interesse era pelo discurso enquanto acontecimento, que não se materializa apenas pelo sistema lingüístico, como mostram suas análises das telas *Las niñas*, de Velasquez, e *Isto não é um cachimbo*, de Magritte.

Certamente nos interessamos pela linguagem; no entanto, não por termos conseguido finalmente tomar posse dela, mas antes porque, mais do que nunca, ela nos escapa. (...) Pessoalmente, estou antes obcecado pela existência dos discursos. (...) Meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, a existência acumulada dos discursos. A arqueologia, tal como eu a entendo, (...), é a análise do discurso na sua modalidade de *arquivo*. (...) A língua é um conjunto de estruturas, mas os discursos são unidades de funcionamento (FOUCAULT, 2005, p.72-3)

Os recortes apresentados acima foram tiradas de uma entrevista concedida por Michel Foucault, em 1967, a R. Bellour, intitulada *Sobre as maneiras de escrever a história* e publicada, à época, por *Les lettres française*. Recortes que nos demonstram que mais que o interesse, a obsessão do autor são os discursos que ele entende serem mais que a língua em sua estrutura fechada. Dessa maneira, como já afirmado, sua proposta de análise são os enunciados discursivos, e esses podem ser verbais ou visibilidades enunciativas, através das formações discursivas e do arquivo.

Assim, segundo Gregolin, o autor “procura um fundamento teórico para os fatos discursivos” (GREGOLIN, 2004, p.85), isto é “definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem regras” (FOUCAULT, 1997, p.182)

Então, descrever enunciados é, também, descrever as condições nas quais ele se realizou, se materializou, porém não de maneira definitiva, como afirma Gregolin (2004), mas agenciando a memória e construindo a história.

Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva – e perdida no passado como a decisão de uma batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei – o enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das



lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 1997, p.121)

De tal forma que, para Foucault, o enunciado deve ser tomado como acontecimento discursivo, ou seja, é uma prática determinada historicamente que surge, então, como irrupção, constitui-se na emergência, não ligado a continuidades: “um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 1997, p.32)

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, se fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 1986, p.31).

Pensar o acontecimento discursivo é perguntar-se, junto com Foucault, “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?” (1997, p.32). Trata-se, então, de reconhecer o enunciado como singularidade e o discurso como descontinuidade, é perceber, seguindo o autor, que as dimensões próprias do enunciado são utilizadas na demarcação de formações discursivas. Conceito este que é derivado do pensamento de que os enunciados são formas de repetição e sistemas de dispersão. “A descrição dos enunciados, do que lhes dão unidade recai na dispersão que lhes constituem, com princípio que individualiza um discurso” (SILVA In SARGENTINI; NACARRO-BARBOSA, 2004, p.164).

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma *formação discursiva* (FOUCAULT, 1986, p.43, grifo do autor).

As formações discursivas, portanto, constituem-se de um grupo de enunciados que, a partir de suas descontinuidade e singularidade características, possibilitam que demarcações sejam estabelecidas, dando contornos – irregulares – as formações discursivas. Assim, ao empreender uma arqueologia, o analista estará diante de uma se

se puder estabelecer um conjunto semelhante, se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem simultânea, ou sucessivamente, a objetos que se excluem sem que ele próprio tenha que se modificar (FOUCAULT, 1997, p.50).



Ao conceituar as formações discursivas, Foucault propõem que nelas se encontram o sujeito (“qual é a posição que deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” - 1986, p.109), o sentido (“não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época” - 1986, p.51) e o discurso

constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade (FOUCAULT, 1997, p.136)

A proposta de Foucault é a de “uma análise que persiga a movimentação dos enunciados, sua movência nos atos praticados por sujeitos historicamente situados” (GREGOLIN, 2004, p.95). Empreender um gesto de interpretação não é buscar um suposto significado original, nem tomar a possibilidade de uma leitura única, já que é o discurso que instaura a interpretação. “Entender o discurso como acontecimento é aceitar que ele é que funda a interpretação, constrói uma verdade, dá rosto às coisas” (NAVARRO, 2004, p.42).

Para analisar um quadro (...) a arqueologia (...) pesquisaria se o espaço, a distância, a profundidade, a cor, a luz, as proporções, os volumes, os contornos, não foram, na época considerados, nomeados, enunciados, conceitualizados em uma prática discursiva; e o saber resultante dessa prática em formas de ensino e em receitas, mas também em processos, em técnicas e quase no próprio gesto do pintor. (...) Seria preciso mostrar que, pelo menos em uma de suas dimensões, ela é uma prática discursiva que toma corpo em técnicas que se deveria, em seguida, transcrever na materialidade do espaço. (...) Pode-se responder agora, à pergunta que se propunha há pouco: a arqueologia só se ocupa das ciências e nunca passa de uma análise dos discursos científicos? E responder duas vezes não. O que a arqueologia tenta descrever não é a ciência em sua estrutura específica, mas o domínio, bem diferente do saber (FOUCAULT, 1997, p.218-221)

Isso posto, podemos entender que Foucault propõe a análise arqueológica não só para os discursos científicos, ou enunciados escritos ou falados, mas ao saber não-científico, à enunciados que se materializam de formas diversas. Assim, Foucault trabalhou com enunciados verbais e não-verbais, o que Deleuze chamou de “formas do visível e do enunciável” (1998, p.55).



## 2. ato: aventura da análise

Diálogo teórico estabelecido, voltamos ao *corpus*, ou seja, o discurso fotográfico “visibilizado” por *Pais e Filhos* na coluna *Mãe também é gente*. Para a análise, são tomadas, como explicitado acima, as colunas publicadas entre janeiro e dezembro de 2009.

Para os gestos de interpretação, as fotografias das doze edições foram tomadas isoladamente, isto é, sem levar em consideração o enunciado verbal que as acompanha. Assim, a partir das imagens – que não podem ser consideradas fotografias jornalísticas por não retratarem situações reais, e sim momentos produzidos, imagens pensadas como ilustração para as páginas, até porque mesmo os textos não são informativos e sim pequenas dicas do que a revista acredita serem atitudes que (re)colocam a mãe no papel de “gente” que ela deixa de desempenhar quando assume a “função” de mãe – procurei separá-las por categorias e/ou grupos, por apresentarem características em comum e, por estas, mostrarem ligação com discursos, atuais ou não, em circulação na sociedade contemporânea<sup>4</sup> sobre a mulher, sua representação, suas identidades.

Assim, nos deparamos com estereótipos em relação à mulher, como o de que essas são consumistas natas, ou seja, nasceram para comprar. Estereótipo que se evidencia, por exemplo, na fotografia que ilustra a coluna de dezembro de 2009 onde podem ser vistas uma série de caixas embrulhadas em belos papéis/embalagens coloridos(as) e decoradas com laços de fita, sendo estas também coloridas e em tons contrastantes. Na mesma linha podemos citar a fotografia da coluna da edição de abril do mesmo ano que retrata uma grande quantidade de chocolates abertos de diferentes formatos, cores e tipos. A quantidade plural dos dois exemplos remetem à formação discursiva de que mulheres gostam tanto de comprar que não se contentam com a unidade, gastam mais do que deviam comprando mais e um exemplar, não se contentando, por exemplo, com um chocolate ou com a aquisição de um produto. Precisa sempre de mais e mais, “levando para casa a loja toda”.

Muitos dizem – mais uma vez recorrendo ao arquivo, às formações discursivas em circulação na nossa sociedade que amparam e conferem sentido ao dito, escrito, pintado, musicalizado, retratado – que a mulher consome “tanto”, muitas vezes, por vaidade, para estar com a pele sempre jovem, os cabelos brilhantes, arrumados, escovados e penteados, vestindo a roupa da moda e, assim, se sentir bonita e, sobretudo,

---

<sup>4</sup> Entendendo contemporaneidade como o atual, o momento presente que mostra-se atravessado por discursos de outras contemporaneidades, outros momentos sócio-históricos.



mostrar-se atraente. Exemplo deste outro estereótipo sobre a mulher em circulação pode ser conferido da fotografia de *Mãe também é gente* de março de 2009. Esta retrata uma mulher num ângulo que a mostra da região da cintura até o queixo, numa posição altiva, de quem acredita em si mesma, de quem se sente poderosa, ou melhor, sensual. Sensualidade reforçada pela pele branquíssima, como a das gueixas, encoberta em parte por um vestido vermelho – que por ser vestido já é sinônimo de feminilidade, e como o vermelho representa fogo, paixão pode ser considerado a cor da sensualidade, da atração – que deixa a mostra regiões do corpo feminino também consideradas áreas de sedução como o colo, evidenciado por um profundo decote.

Porém, se as mulheres devem ser sensuais e despertar a atração física nos homens, elas também precisam, muitas vezes simultaneamente, desempenhar outros papéis. Hoje, mesmo depois de décadas de lutas feministas, talvez o principal deles ainda continue sendo o de mãe, aquele ser quase que santificado capaz de tudo por amor aos filhos, sempre guiada pelos amor e instinto maternos. Esse universo materno, com auras angelicais conferidos pela companhia constante das crianças, foi retratado pela coluna em uma das doze edições de 2009, a de fevereiro, que trás uma fotografia de uma mãozinha delicada de criança fazendo sinal de positivo, no primeiro plano; ao fundo, de maneira desfocada, podemos perceber que esta criança está sorrindo.

Sorriso de criança, de filho que essas mães, que se desempenham bem este papel mostram-se desapegadas de todo o restante do universo feminino, como a sensualidade, o consumismo (não é raro ouvirmos “depois que a gente é mãe, a gente se descuida um pouco da gente” e/ou “depois que a gente é mãe, não pensa mais na gente não, só pensa em comprar para os filhos e não pra gente”), e, também, de coisas simples do dia-a-dia de qualquer pessoa – mas não da mãe – como descansar/relaxar, se divertir, fazer alguma coisa que provoque prazer.

E são essas três categorias as mais recorrentes pela ótica dos gestos de interpretação empreendidos nesta análise, ocupando mais da metade das colunas – sete no total, em 2009. Afinal, é comum ouvirmos mães e quem não é mãe dizendo que mãe não tem tempo para nada, a não ser para cuidar dos, educar e dar amor aos filhos. Talvez, por isso, essas mulheres deixam de ser gente, porque gente que é gente tem ou arranja tempo para si mesmo, para desempenhar atividades prazerosas como jogar-se numa poltrona, para ler um livro sem ver o tempo passar ou navegar pela internet sem pressa. Atitudes retratadas, respectivamente, nas edições setembro e junho. Na primeira vemos uma mulher, como já dito, “jogada” numa poltrona com um livro nas mãos e um



sorriso no rosto. Mesmo sorriso e poltrona presentes na fotografia da segunda, só que nesta a mulher segura um notebook. Acredito ser o sorriso presente nas duas imagens o mais importante, porque ele só está ali devido ao que essas mulheres fazem naquele momento, atividades que não se relacionam ao cuidado das crianças, aliás, em nenhuma delas percebemos filhos por perto, mesmo em segundo plano.

Outra atitude fundamental e que provoca prazer em quem “é gente” são os momentos de descanso e relaxamento. Mas mãe que é mãe não tem direito a essas “trivialidades”. Afinal, tem que dar banho, trocar a fralda, preparar a comida saudável e nutritiva, ajudar com o dever, levar e buscar na escola, inglês, futebol/ballet, natação, participar das brincadeiras, guardar os brinquedos e, mesmo quando eles – os filhos – dormem, elas continuam ativas, velando pelo sono dos pequenos. E são situações de descanso que fariam ou farão a mãe voltar a ser gente que são mostradas nas fotografias da coluna dos meses de janeiro e outubro. No primeiro mês de 2009, as leitoras da revista viram retratado ao fundo da fotografia um mar de azul profundo, ao fundo; e, em primeiro plano, encontra-se uma mulher, ou melhor, os contornos do seu corpo – sendo que o plano a mostra da cabeça até a altura do abdômen – com o rosto encoberto por um chapéu de palha. Já na edição de outubro a fotografia é de um ambiente com paredes brancas, iluminado e claro, e neste lugar podemos observar os pés de uma mulher – pelos contornos e feito delicados – cruzados e para cima, numa visível posição/atitude de quem descansa, sem se preocupar com o que está do lado de fora, com mais nada.

Ter prazer, ainda, está ligado à diversão, mas esta é para os simples mortais, não para as devotadas mães. Mãe que é mãe, enquanto o filho é pequeno, jamais encontra tempo para dançar, para ir a uma boate. Ambiente onde encontramos a sala escura, com uma bola de espelhos pendurada no teto refletindo luzes coloridas, como a fotografia da edição de novembro. Também não consegue, numa noite dessas, ir a um show ao ar livre e dançar sem culpa por ter deixado as crianças em casa. Situação retratada pela fotografia da coluna de julho onde vemos, no primeiro plano e desfocadas, cabeças e mãos levantadas para o alto, e no segundo plano, também desfocada uma banda a tocar no palco.

As mães não vão a shows ou não frequentam boates porque seu tempo é dos filhos, e se eles a querem por perto é lá que elas estarão, brincando ternamente com eles. Aspecto lúdico retratado na fotografia publicada em maio, onde vemos bonequinhas de madeira, daquelas de encaixar que, quando abertas, mostram uma menor dentro da maior, conhecidas como bonecas russas. Como dito são bonecas e, portanto, brinquedos,



mas não qualquer brinquedo, um brinquedo que representa a maternidade, o dom/dádiva de gerar novas vidas e a elas se dedicar, mostrando para a menina, desde cedo, qual é o papel da mãe que a sociedade reconhece e espera e que, portanto, ela deve se esmerar treinando enquanto criança para desempenhá-lo com propriedade quando adulta.

### **Os panos se fecham**

Esta reflexão-conversa foi redigida num tom desprezioso, pois é assim que ela se configura na realidade. Não espero enunciar verdades, apenas discursivizar gestos de interpretação de imagens fotográficas – algo novo, “me perdoem minha pouco competência”, mas que mostrou-se importante por apontar para novos rumos de análise que não a lingüística, mesmo valendo-se de aparatos muitas vezes relacionados apenas a linguagem materializada pela língua falada ou escrita.

Análises que, quando levamos em conta apenas as visibilidades, tomam rumos diferentes das que se empreendem a partir do enunciável. Porém, os gestos de interpretação aqui expostos evidenciam os mesmo efeitos de sentido colocados em circulação por *Pais e Filhos* que os dos gestos de leitura a partir dos discursos verbais da coluna *Mãe também é gente*, anteriormente desenvolvidos.

Assim, o enunciável bem como as visibilidades apontam para os mesmo arquivos, para as mesmas formações discursivas... Demonstram como o jornalismo – pensado como acontecimento enunciativo do tempo presente - representa e constitui a “mulher” e o que a ser mulher – ou seja, sua representação como produto de um (ou vários) discurso(s) marcados pelo memorável, pelo já dito.

### **Interlocutores**

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 2.ed. Lisboa: veja, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. (Coleção Ditos e Escritos, Volume 2). 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Arqueologia do saber*. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

\_\_\_\_\_. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). *M. Foucault e os domínios da linguagem – discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.



NAVARRO, Pedro. *Navegar foi preciso? O discurso do jornalismo impresso sobre os 500 anos do Brasil*. (Tese-doutorado). Araraquara: 2004. (Pós-graduação em Lingüística e Língua Portuguesa – UNESP) .

NECKEL, Nádia. Tecedura e tessitura do discurso artística da/na produção audiovisual: materialidades fronteiriças. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro; MITTMANN, Solange. *O discurso na contemporaneidade – Materialidades e Fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009. p.107-116

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

SILVA, Francisco Paulo da. Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). *M. Foucault e os domínios da linguagem – discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.